



ARQUITETÔNICA DISCURSIVA NA RESENHA DE PRODUTOS CULTURAIS: CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO SOBRE DESIGUALDADES RACIAIS

DISCURSIVE IN THE REVIEW OF CULTURAL PRODUCTS: CONSTRUCTION OF CRITICAL THINKING ABOUT RACE INEQUALITIES

Enrico de Castro Carvalho Silva 1

Resumo: Este estudo apresenta um relato de experiência com o ensino-aprendizagem, na escola pública em contexto pandêmico, do gênero discursivo resenha como meio de reflexão crítica sobre desigualdades raciais. A motivação desta pesquisa advém da necessidade de mobilização de meios tecnológicos para, em tempos de distanciamento social, viabilizar uma abordagem pedagógica que possibilite o desenvolvimento da reflexão crítica dos leitores. O objetivo desta pesquisa foi analisar o uso de tecnologia digital no estudo do gênero resenha como meio de viabilizar reflexões sobre as desigualdades raciais. O referencial teórico mobilizado diz respeito à visão de Citelli (2019) sobre educomunicação; Ribeiro (2013; 2015) e Almeida (2018) sobre multiletramentos; às percepções de Nunes (2006) e Silva (2013) sobre dinâmicas raciais e aos conceitos de gêneros discursivos e arquitetônica por Bakhtin e o Círculo. O procedimento metodológico de pesquisa é qualitativo interpretativo de proposta pedagógica. Os resultados evidenciaram que as ferramentas digitais possibilitaram a articulação de uma sequência didática para o estudo discursivo da resenha com uma abordagem crítico-reflexiva sobre as desigualdades raciais. Conclui-se que o trabalho com resenha no contexto pandêmico pode mobilizar recursos multissemióticos e repertoriar os estudantes para reflexão crítica.

Palavras-chave: Arquitetônica. Leitura Crítica. Resenha.

Abstract: this study presents an experience report with teaching-learning, in public schools in a pandemic context, of the discursive genre review as a means of critical reflection on racial inequalities. The motivation for this research comes from the need to mobilize technological means to, in times of social distance, enable a pedagogical approach that allows the development of critical reflection by readers. The aim of this research was to analyze the use of digital technology in the study of the review genre as a means of enabling reflections on racial inequalities. The theoretical framework mobilized concerns Citelli's (2019) view on educommunication; Ribeiro (2013; 2015) and Almeida (2018) on multi-tools; to the perceptions of Nunes (2006) and Silva (2013) on racial dynamics and to the concepts of discursive and architectural genres by Bakhtin and the Circle. The methodological research procedure is qualitative and interpretative of the pedagogical proposal. The results showed that the digital tools enabled the articulation of a didactic sequence for the discursive study of the review with a critical-reflexive approach on racial inequalities. It is concluded that the work with review in the pandemic context can mobilize multisemiotic resources and provide students with a critical reflection.

Keywords: Architectural. Critical Reading. Review.

1 Doutorando e bolsista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6490801332000185>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9248-860X>. E-mail: enrico.carvalho.203@gmail.com



Introdução

O presente artigo é a dicção de um relato de experiência com o ensino-aprendizagem do gênero discursivo resenha como meio de construção crítico-reflexiva sobre desigualdades raciais. Este trabalho foi pensado a partir da necessidade de mobilização de meios tecnológicos para, em tempos de distanciamento social, viabilizar uma abordagem pedagógica que construa leitores autônomos e críticos.

O objetivo desta pesquisa foi analisar o uso de tecnologia digital no estudo do gênero discursivo resenha como forma de viabilizar reflexões sobre as desigualdades raciais. Para isso, o aporte teórico mobilizado diz respeito às percepções de Nunes (2006) e Silva (2013) sobre dinâmicas raciais; Ribeiro (2015) e Almeida (2018) acerca dos multiletramentos e aos conceitos de gêneros discursivos e arquitetônica por Bakhtin e O Círculo. O procedimento metodológico de pesquisa é qualitativo interpretativo de proposta pedagógica.

A organização deste relato de experiência é estruturada em três seções: contextualização sócio-histórica das práticas pedagógicas no âmbito da pandemia do Covid-19, sob o viés da educomunicação; apresentação da sequência didática elaborada partindo do conceito de multiletramentos e análise da arquitetônica bakhtiniana como articuladora do pensamento crítico sobre a desigualdade racial.

Contexto pandêmico educomunicativo

A caracterização do contexto sócio-histórico da prática pedagógica pode ser desenvolvida sob o enfoque da educomunicação. Nesse sentido cabem algumas reflexões preliminares sobre o conceito.

Citelli (2019) problematiza a prática docente colocando em foco a estruturação unívoca e centralizadora do espaço ocupado pelo professor. Para o autor a conexão entre os saberes da comunicação e educação ocorre por meio do diálogo.

Nesse sentido, levando em conta a dinâmica do ensino-aprendizagem do contexto pandêmico de isolamento social, as tecnologias digitais emergem de forma intensa como possibilidade de viabilização do diálogo. Entretanto, para que a multivocalidade seja estabelecida, é preciso que a tecnologia seja preenchida com intencionalidade.

É indispensável observar, portanto, a possibilidade de esvaziamento tecnológico, pois a mera utilização de ferramentas digitais não garante o diálogo como elemento fundante da prática didático-pedagógica. A utilização de tecnologias, não só as digitais, demanda um agir docente que priorize uma proposta pedagógica centrada em acionar um “circuito comunicacional [centrado] na palavra, na proximidade entre falantes e ouvintes, nos mecanismos interpessoais (conquanto nem sempre intersubjetivos) nas mesclas entre jogos enunciativos e estratégias de poder” (CITELLI, 2019, p. 316).

Citelli (2019), ao inter-relacionar comunicação e educação, perpassa abordagens bakhtinianas e freireanas. A ideia de circuito comunicativo no contexto educacional está atrelada – em termos bakhtinianos – à consciência responsiva; pois o processo de construção de significado é dialógico; ocorre por meio da alternância de sujeitos que produzem respostas para uma enunciação anterior e, simultaneamente, possibilitam respostas enunciativas posteriores. De modo relacional a abordagem freireana concebe a educação como comunicação e diálogo, em detrimento de uma transmissão monológica e bancária de saberes.

Diante desses pressupostos é possível uma caracterização da prática pedagógica com alunos do Ensino Fundamental II, numa escola de um município do interior de São Paulo. Primeiramente é preciso levar em conta que no segundo semestre de 2020 a pandemia reformulou o cenário relacional na escola, fazendo com que as relações pedagógicas fossem concretizadas exclusivamente no ambiente domiciliar. Consequentemente, nota-se que antes da pandemia o lar dos estudantes era o espaço de estudo para realização de tarefas e revisões dos conteúdos trabalhados em sala de aula presencialmente e, portanto, a utilização das tecnologias digitais para comunicação entre os atores da interação pedagógica era diluída.

Desde o início da pandemia o ensino remoto consolidou a utilização das tecnologias digitais para a comunicação e fez com que o diálogo professor-estudante rompesse o espaço físico da sala de aula para se concretizar no lar dos alunos. Especificamente a rede de ensino municipal em questão solicitou que os professores comparecessem presencialmente nas unidades escolares para elaborar sequências didáticas disponibilizadas para os alunos de dois modos: retirada e entrega de material impresso em dias específicos de acordo com o distanciamento social e, aos que possuem acesso pela internet, realização de atividades pela ferramenta Google Forms.

Frente a esse contexto ficou evidente que a perspectiva preconizada por Citelli (2019) de que a prática educativa está atrelada à múltiplas linguagens, uma vez que o contato social – suprimido na lógica do ensino remoto – mobiliza várias linguagens.

[...] observa-se que as práticas educativas estão fortemente apoiadas na linguagem, ou melhor, nas linguagens. É através delas ou junto com elas que se torna factível executar os trânsitos discursivos multidimensionais – mecanismo decisivo regente dos vínculos comunicativo-educativos –, ou seja, os deslocamentos entre os variados sistemas de signos e seus suportes (CITELLI, 2019, p. 320).

Faz-se necessário também apontar que a mera presença na sala de aula física não garante o trabalho com a linguagem multimodal, o agir dialógico docente não está necessariamente vinculado ao compartilhamento do espaço físico da sala de aula. Entretanto, o ensino remoto, por meio da restrição do contato humano físico, trouxe a necessidade de mobilizar outros meios para viabilização do diálogo, em especial, quanto à abordagem das múltiplas linguagens. Nesse sentido:

A experiência da sala de aula, contudo, raramente está atenta a tais passagens, pois tende a restringir a circulação das linguagens à modalidade verbal (cuja importância é inequívoca), deixando escapar as ricas sugestões permitidas pelos planos icônicos, cromáticos, sonoros, etc [...] É imperioso perceber que o vasto aparato da comunicação, do qual evidenciamos duas dimensões integradas, uma que enseja o discurso pedagógico – centrado nas palavras –, e outra concernente aos mecanismos de mediação técnica, já fazem parte da vida dos docentes e discentes; todavia, tal constatação não registra maiores continuidades quando está em jogo o cotidiano das salas de aula (CITELLI, 2019, p. 320; 321).

Diante disso, procura-se analisar, com o presente estudo, como a articulação de uma proposta pedagógica para o estudo do gênero discursivo resenha, pode mobilizar o diálogo, não só de múltiplas linguagens, mas também de vozes sociais. Por meio da exploração de recursos tecnológicos digitais atrelados à ideia de cultura operacional, que diz respeito “à capacidade de mobilizar a consciência que se elabora e se alarga frente a um sistema de significados e expressões simbólicas no qual ela se incorpora e expressa” (CITELLI, 2019, p. 330); se busca o desenvolvimento de uma proposta pedagógica que busque provocar uma reflexão crítica nos estudantes sobre as desigualdades raciais.

Educomunicação e multiletramentos como apoio ao ensino remoto

Para uma compreensão mais apurada da proposta pedagógica analisada, se faz necessária uma abordagem das categorizações linguísticas estruturantes do trabalho. Desse modo serão postos brevemente os conceitos de gêneros discursivos e multiletramentos.

Bakhtin (2011) inicia *Os gêneros do discurso* expressando a fecundidade da atividade humana por meio da linguagem. O autor traz os gêneros discursivos como o meio pelo qual os indivíduos se comunicam, desse modo, o conceito é desenvolvido de modo dinâmico e em constante mudança.

Não há, portanto, no dialogismo bakhtiniano, a possibilidade de uma categorização rígida e inviolável dos gêneros. A utilização da terminologia *gêneros discursivos* traz para o conceito uma amplitude relativa a um agir humano atrelado à representação que os sujeitos fazem do mundo por meio da linguagem. Nesse sentido os gêneros não ficam adstritos ao texto:

Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo do cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes) [...] (BAKHTIN, 2011, p. 626).

Sob a ótica da filosofia bakhtiniana da linguagem, são os enunciados que concretizam o uso da língua, são atos de produção discursiva. Assim, a cada ato está atrelada uma finalidade da atividade humana e é a partir dessa percepção que surgem três elementos que permitem delinear uma estabilidade relativa dos gêneros discursivos: conteúdo temático, estilo de linguagem e construção composicional.

O estudo do gênero resenha partiu da análise desses três elementos estruturantes. Entretanto, dada a dinamicidade e amplitude das investigações linguísticas do Círculo de Bakhtin, para alinhar a proposta pedagógica com a essa concepção de linguagem, a análise não se restringiu à reprodução de uma categorização limitada aos elementos estruturantes. Buscou-se articular como os elementos podem assumir um movimento dialógico intergênero, principalmente quanto ao conteúdo temático.

Além da concepção dialógica, é indispensável a mobilização do conceito de multiletramento, apresentado por Almeida (2018) como uma reelaboração do conceito de letramento diante das demandas do contexto sócio-histórico linguístico da contemporaneidade, caracterizado fundamentalmente pelo multiculturalismo e multisssemiose. A partir dessa perspectiva de linguagem é proposta uma Pedagogia dos Multiletramentos, na qual “os espaços educativos [precisam] ir além das habilidades tradicionais de leitura e escrita incluindo as comunicações multimodais, particularmente aquelas típicas da nova mídia digital” (ALMEIDA, 2018, p. 6).

Assim, são expostas as principais características da Pedagogia dos Multiletramentos: privilegiar a autonomia e criatividade do aluno para que ele seja capaz de compreender a produção de sentido levando em conta interconexão da linguagem verbal com os recursos semióticos (sons, cores, imagens, gestos, movimento, etc).

Como direcionamento para operacionalização da Pedagogia dos Multiletramentos é proposta uma aprendizagem reflexiva por Processos de Conhecimento:

A aprendizagem reflexiva por Processos de Conhecimento envolve, portanto, reflexão consciente dos modos de conhecer, ou seja, metacognição. Nomear os processos de conhecimento ajuda os alunos e/ou futuros professores, a “desenvolver consciência de tomadas de atitudes para aprender”, para que cada vez mais eles se tornem designers de seu próprio conhecimento e assumam maior controle sobre seu aprendizado (ALMEIDA, 2018, p. 8).

Portanto, considerando que os estudantes antes de serem inseridos na vida escolar, estão inseridos na cultura digital, o processo metacognitivo é um norteador para a construção da autonomia discente. A contribuição para o desenvolvimento cognitivo de um aluno que já possui uma potencialidade para letramento multisemiótico, demanda um olhar para a linguagem verbal interconectada com a diversidade de recursos semióticos.

Em convergência com essa perspectiva, Ribeiro (2015) desenvolve a ideia de poder semiótico, que se refere ao “poder que temos de lidar com signos, produzir sentido, manejar linguagens, mais que apenas palavras, inclusive, tanto para ler quanto para escrever (RIBEIRO, 2015, p. 114). Desse modo, é possível destacar que o trabalho com a multimodalidade não se pauta em apreender todas as possibilidades de construção de sentidos, mas abordar a diversidade.

É impossível abordar todas as possibilidades de sentido, mas é viável a ampliação do poder semiótico. Assim, o principal objetivo da proposta pedagógica para o trabalho com resenha foi a potencialização da expressão. Nesse sentido:

Essa espécie de impotência expressiva nos leva a outros recursos, restando ter ciência sobre se sabemos ou podemos empregá-los. Neste exato ponto, as noções de *poder* e *poder semiótico* nas teorias de Gnerre e de Kress, começam a fazer mais sentido, clareiam-se e iluminam a prática do professor interessado na compreensão de processos de escrita, especialmente se mais linguagens, além da palavra, puderem ser convocadas à composição que se pretende (RIBEIRO, 2015, p. 119).

Então, a abordagem sobre as inter-relações entre os elementos estruturantes dos gêneros promove uma reflexão sobre escolhas discursivas para o efeito de sentido que se deseja produzir. A respeito da proposta pedagógica em análise, coube pensar sobre quais as diferenças entre abordar a desigualdade racial como conteúdo temático em gêneros discursivos diversos.

Na medida em que cada gênero discursivo – de modo mais significativo levando em conta o estilo de linguagem e a construção composicional – aciona diferentes recursos semióticos, cabe apontar que a multimodalidade é inerente aos textos.

Diante disso, é preciso apontar que a proposta pedagógica em análise pautou o estudo do gênero resenha por meio do estudo de seis enunciações: *Análise – Mangá Solanin*; *Crítica: Pantera Negra, de Ryan Coogler*; *Chadwick Boseman: a representatividade de uma geração*; *MC Carol desbrava Portugal no Serralves em Festa*; *“Conheci o inferno”*: relato de MC Carol sobre sua adolescência viraliza e *Delação Premiada*. Tendo em vista a estabilidade das características dos gêneros discursivos se vê que a proposta pedagógica se estruturou de três resenhas, uma coluna, um relato e uma letra de música.

A reflexão crítica, levando em conta uma perspectiva bakhtiniana, pode figurar como um ato responsivo às enunciações antecedentes, imersas em conclusibilidade. Uma vez que, o “primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de responder a ele, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 280); os textos selecionados intencionaram estabelecer o diálogo com os estudantes sobre as desigualdades raciais e provocar uma atitude responsiva que culminasse na produção de uma resenha. A identificação de um tom valorativo e conteúdo temático comum aos textos foi uma estratégia utilizada para construir uma perspectiva crítica multiletrada.

Letramento é, aqui, prática social. Em muitos outros e em Magda Soares (2002) vimos tratando desse conceito que, ao fim e ao cabo, quer nomear um fenômeno que ocorre em nossa cultura e que vai além da alfabetização. Já o conceito de multiletramentos (NLG, 1996; ROJO, 2009) vem reforçar, nos anos 1990, a ideia de que a chegada das tecnologias digitais em nossa “paisagem comunicacional” (KRESS, 2003) traz mais diversidade às nossas práticas na cultura escrita, com novas modulações ligadas ao prestígio e à circulação de muitas dessas práticas (RIBEIRO, 2013, p. 22).

Portando, o percurso da proposta pedagógica analisada foi direcionado pelos multiletramentos, educomunicação para que na produção de uma resenha sobre uma música estivessem presentes indícios de uma visão crítica sobre a desigualdade racial. O Norte dado à percepção dessa desigualdade por meio da linguagem diz respeito fundamentalmente ao dialogismo bakhtiniano, especificamente à ideia de arquiteônica.

Arquiteônica bakhtiniana e pensamento crítico

Nunes (2006) expõe que o fato de o Brasil ter sido o último país, de forma lenta, a abolir

a escravidão foi decisivo para estruturar uma marginalização da população negra. Frente a isso, aponta que “é preciso também pensar o lugar que a ciência ocupou na consolidação do preconceito contra os negros” (NUNES, 2006, p. 90).

O discurso científico é permeado por valores ideológicos, uma vez que, os “sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2018, p. 213). Dessa forma é possível perceber a relevância dos signos ideológicos no contexto da ciência na construção da percepção da realidade por meio da linguagem.

Pode-se notar que o racismo brasileiro foi legitimado por dicções de teorias raciais, especialmente, pela voz de Raimundo Nina Rodrigues. Uma vez legitimado, o discurso racista promoveu “uma violência cotidiana, multiforme e naturalizada, que nos dá pistas para o entendimento do racismo brasileiro atual (NUNES, 2006, p. 90). Além disso, é possível perceber que o discurso científico reverberou em outros sistemas ideológicos, como o jurídico:

Raimundo Nina Rodrigues, médico baiano renomado, estudioso do negro e da criminalidade e grande adepto das ideias do antropólogo criminal italiano Cesare Lombroso, foi representante importante das teorias raciais no Brasil. Lutou pela implantação da Medicina Legal nos currículos das Faculdades de Medicina e defendeu a criação de dois códigos penais brasileiros: um para os brancos e outro para os negros, pois pressupunha que as diferenças raciais levavam a diferenças comportamentais e morais tão grandes que não se podiam fazer as mesmas exigências para ambas as raças (NUNES, 2006, p. 92).

É posto que a forma com que o Estado lidou com a marginalização da população negra pouco mudou desde a abolição até os dias de hoje. Em termos de análise discursiva é possível a percepção de que a ideologia dominante permeava as políticas públicas com apagamento das relações da opressão.

Além de se escusar da responsabilidade, o Estado construía a narrativa de que negro, por sua própria culpa, ocupava o lugar social de exclusão.

Mudaram as aparências, mas a essência das relações sociais não mudou. A atitude do Estado para a situação do negro “liberto” sempre foi omissa: a miséria material, a discriminação e a humilhação vividas pelos afrodescendentes são reduzidas à culpa deles mesmos, por meio de uma manobra ideológica que transforma o que é da esfera das relações de poder em algo natural, inerente à raça (NUNES, 2006, p. 91).

Há possibilidade, por meio de uma leitura bakhtiniana, de identificação de um discurso-ação científico/jurídico. Isso porque, na medida em que a existência humana é mediada pela linguagem, o dizer é atitudinal e o agir é linguístico. Essa inter-relação fica evidente quando em numa sociedade onde circulam signos ideológicos de supremacia da branquitude, seja recorrente a violência policial contra a população negra.

Apesar do discurso que nega ou ameniza a presença do preconceito e da discriminação racial no país, não é difícil ver manifestações de racismo no dia-a-dia da vida social brasileira. Ora ele é escancarado, como nos massacres frequentes, ora é silencioso, como no olhar policial que põe constantemente os negros sob suspeita. Pesquisa recente concluiu que há diferença de tratamento, por parte da justiça, de brancos e negros. Estes são tratados com mais severidade, desde a instância policial até o tribunal, como se a criminalidade e a possibilidade de “perturbar a ordem social” lhes fosse inerente (ver Adorno, 1996) (NUNES, 2006, p. 96).

Diante dessa lógica, tendo em vista o espaço ocupado pela MC Carol na proposta pedagógica em análise; cabe ainda ponderar sobre o lugar sócio-discursivo da mulher negra. Uma vez que “discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza [...]” (SILVA, 2013, p. 109), deve-se pensar em qual o tom valorativo do discurso que emana de um lugar social duplamente marginalizado.

Em *Para uma filosofia do ato responsável* Bakhtin esclarece que o agir humano é manifestação da própria vida singular do indivíduo, desta forma é inseparável o vínculo entre responsabilidade e ação. Desse modo, o próprio pensar o mundo é a realização da singularidade individual, isso porque os sujeitos realizam a própria existência no agir e agem a partir de um lugar social.

Este mundo me é dado do meu lugar no qual eu sozinho me encontro como concreto e insubstituível. Para minha consciência ativa e participante, esse mundo, como um *todo arquitetônico*, é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato; tenho a ver com este meu mundo na medida que eu *mesmo me realizo* em minha ação-visão, ação-pensamento, ação-fazer prático (BAKHTIN, 2017, p. 118).

Indispensável ressaltar que, a singularidade não é sinônimo de isolamento, mas de identidade que se constrói em virtude da relação com o *outro*. O sujeito bakhtiniano é socialmente concebido, o dizer-agir emanado de um lugar social se realiza e se significa no diálogo com o *outro*. Desse diálogo emerge também a significação do tempo e do espaço em razão do tom valorativo com que o sujeito os percebe.

Somente o valor de um homem mortal fornece a escala de medidas das séries espacial e temporal: o espaço se condensa como o horizonte possível de um ser humano mortal, como seu ambiente possível; o tempo assume espessura e peso de ordem valorativa, enquanto flui na vida de um ser humano mortal, com determinação seja do conteúdo temporal, seja do peso formal, o fluir significativo do ritmo (BAKHTIN, 2017, p. 130).

De modo complementar à essa perspectiva, Villarta-Neder (2018) destaca que para a concepção bakhtiniana o diálogo além de fundar a linguagem, constitui a própria existência humana, na medida em que o sujeito ocupa um lugar de exclusividade no mundo que é percebido pelo *outro*. Assim:

[...] é desse lugar único que ocupamos que exercemos nosso ato de existir e de produzir, no diálogo com o outro, sentidos sobre nós, sobre ele e sobre o mundo. *Tomamos uma posição*, em relação à qual, como diz Bakhtin, há um *não-álibi*, não há desculpas para a não participação da constituição do outro, do mundo e nós mesmos (VILLARTA-NEDER, 2018, p. 57).

A ideia de diálogo estrutura a visão bakhtiniana de linguagem, assim o conceito de arquitetônica está atrelado às relações intersubjetivas que trazem a possibilidade de unidade de sentido aos signos ao longo do tempo. Assim, pode-se dizer que “arquitetônica é o circuito dessa intersubjetividade [que concebe a] tríade (eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro)” (VILLARTA-NEDER, 2018, p. 57).

Esse processo de representação, por meio do dizer, possibilita uma dinâmica dialética/dialógica entre pontos de vista distintos. Nesse sentido:

[...] cada um desses seres, ao representar o outro, a si mesmo e a tentar antecipar como o outro o representa (o que Bakhtin chama de arquitetônica), investe cada ato e cada pensamento, cada palavra ou cada silêncio que recheia seus enunciados com uma entonação, com um modo unicamente seu de estar

no mundo e de se enxergar e de enxergar ao outro. O relato, a contação, não são imunes ao que cada ser humano é, ao que o constitui (VILLARTA-NEDER, 2018, p. 62).

O dizer, no contexto bakhtiniano é o dizer conectado com o universo narrativo do *outro*, na medida em que há manifestação da subjetividade do eu-para-mim, que por sua vez leva em conta a identidade do outro-para-mim para que a significação se realize orientada na direção do eu-para-o-outro. Assim, a proposta pedagógica analisada, ao explorar o elemento arquetípico do outro-para-mim, tem como objetivo a ampliação da percepção dos leitores de outros tons valorativos para além do seu próprio universo.

A identificação dos tons valorativos quanto à desigualdade racial, presentes nas enunciações representantes de gêneros discursivos diversos, não advém de uma proposta pedagógica focada na exposição monológica, mas de um diálogo. O direcionamento, por meio da leitura/escrita, da percepção do dizer do *outro* que fala de um lugar social diferente do *eu*, mobiliza a linguagem para reflexão crítica. Assim, a tentativa de ampliação da percepção dos tons valorativos ocorreu por meio do trabalho pedagógico com seis enunciações a serem pormenorizadas.

O primeiro texto trabalhado foi *Análise – Mangá Solanin* resenha elaborada pelo site Genkidama presente do livro *Se liga na Língua* por Ormundo e Siniscalchi (2018). O trabalho com esse texto teve a intenção de fazer com que os estudantes se familiarizassem com a estabilidade das características estruturantes do gênero discursivo. Para atingir esse objetivo foram empreendidos questionamentos sobre o conteúdo temático, estilo de linguagem e adequação ao público-alvo.

Como forma de introdução à resenha posterior e abordagem da linguagem não-verbal, adaptando a proposta de Ormundo e Siniscalchi (2018), foi também apresentado o fragmento de um texto contendo análise do filme *Pantera Negra* por meio do preenchimento de 5 estrelas cinzas com a cor amarela. Levando em conta o caráter semântico-simbólico atrelado ao tom valorativo, cumpre destacar o contexto sócio-cultural no qual o símbolo estrela se insere – referenciando aspectos positivos como nascimento, estrelas de cinema, pontos celestes de luz, etc – e que houve o preenchimento de 4 estrelas, foi proposta a reflexão sobre a avaliação feita.

De modo subsequente foi abordada uma segunda resenha, *Pantera Negra, de Ryan Coogler* produzida por Ernesto Barros, também presente no livro de Ormundo e Siniscalchi (2018). O estudo desse texto foi dividido em dois enfoques: análise do conteúdo temático e, posteriormente, análise do estilo de linguagem e construção composicional.

No primeiro momento houve o direcionamento para que os leitores pensassem sobre o desenvolvimento do conteúdo temático para além da avaliação que o autor fez do produto cultural. Foram apresentados questionamentos sobre o enredo do filme apreciado pela resenha com enfoque no papel que o super-herói Pantera Negra desempenhou como líder político. Em seguida intencionou-se o estabelecimento de semelhanças entre a figura do líder político na ficção e na realidade.

No segundo momento foram encaminhados questionamentos para que os alunos pensassem sobre a estilo de linguagem atrelado à construção composicional. O objetivo foi identificar relações entre a escolha lexical do autor atrelada ao universo cinematográfico, expressiva da multimodalidade audiovisual, e a compreensão do texto pelo público leitor dada a esfera de circulação jornalística digital.

Em seguida foram apresentados mais dois textos circulantes na internet, um referente ao jornal *O Imparcial* e o outro à revista especializada em música a *Noize*; tendo em vista a lógica hipertextual foram disponibilizados links de acesso aos textos para que os alunos pudessem também explorar os sites que os publicaram. Polido (2020) com a publicação *Chadwick Boseman: a representatividade de uma geração* de sua coluna no jornal digital, a partir da notícia do falecimento do ator protagonista de pantera negra apresentou uma crítica sobre a relevância de um herói negro nos filmes da Marvel. Copstein (2019) com sua resenha *Mc Carol desbrava Portugal no Serralves em Festa*, publicada no site da revista, faz a apreciação do show da cantora, mas também ressalta a importância da ocupação pela mulher negra periférica do espaço num festival internacional; sobremaneira em Portugal, dadas as relações de colonialidade com o Brasil (abordadas na música *Não foi Cabral*, pela cantora).

A soma dessas duas enunciações à resenha do filme buscou expor as relações dialógicas

entre os três textos, desenvolvidas pelo tom valorativo comum. As atividades se propuseram à percepção de aproximação entre os gêneros coluna e resenha por meio do tom valorativo. De forma a sintetizar a análise foi apresentado um exercício que projetou o pensar sobre a relação entre tom valorativo e estilo de linguagem. Isso ocorreu por meio da análise do efeito de sentido provocado pelo uso do presente do indicativo na frase “O palco segue firme como um lugar de revolução”, integrante da conclusão da resenha de Copstein (2019).

O último conjunto de atividades foi estruturado das enunciações “*Conheci o inferno*”: relato de MC Carol sobre sua adolescência, relato publicado no site do jornal O Estado de S. Paulo e *Delação Premiada*, música de MC Carol. A intenção do trabalho do relato foi sintetizar a dinâmica da arquitetura fazendo com que os leitores experimentassem o contexto social que a artista viveu, para que depois pudessem produzir uma resenha sobre a música da MC.

Seguindo a organização hipertextual anterior, foram disponibilizados links de acesso aos sites que publicaram o relato e a letra de música. Especificamente para a música, para viabilizar o contato os recursos semióticos de sons e cores, foi incluído o vídeo do YouTube na plataforma Google Forms, com o áudio da música executada adicionado à capa do single que trazia a imagem da intérprete.

Fundamentando-se no dialogismo e multimodalidade/multiletramentos cabe o apontamento de que a enunciação *Delação Premiada* apresenta uma narrativa verbo-auditiva responsiva à desigualdade racial brasileira. Os sons de tiros, falas de entrevistados (trecho posto entre parênteses) e jornalistas figuram ao fundo da voz de MC Carol que denuncia a violência policial, o tratamento diferenciado dado pela justiça aos moradores negros das favelas em detrimento da população branca. As relações dialógicas são explicitadas por meio de referências enunciativas diretas ao assassinato do dançarino Douglas Rafael da Silva Pereira (identificado como DG) e o auxiliar de pedreiro Amarildo de Souza por policiais militares.

As orientações desenvolvidas para produção textual da resenha buscou o desenvolvimento da autonomia educacional de pesquisa de informações atreladas ao produto cultural tanto nos textos disponibilizados, quanto em outras fontes que os estudantes julgassem pertinentes. Para tanto, foram elaboradas proposições metacognitivas que orientassem os produtores de texto, frente à formatação da ferramenta *Google Forms*, sobre o que escrever em cada parágrafo. O esboço da resenha foi dividida em cinco parágrafos que deveriam contemplar: informações técnicas sobre a música; informações sobre a intérprete da música; identificação de crítica social no discurso da música e exemplificação de acontecimentos noticiados na mídia referenciados na letra da composição; descrição de emoções provocadas no ouvinte no processo de apreciação rítmica e sonora do produto cultural; e opinião pessoal justificada sobre a música.

Cumprir ressaltar que o objetivo central de toda a proposta pedagógica desenvolvida foi o desenvolvimento da reflexão sobre as desigualdades raciais, nesse sentido o enfoque dado na avaliação foi identificação pelos alunos da crítica social presente na letra da música.

Ao final do processo, a análise dos dados levou em consideração sobremaneira o terceiro parágrafo da resenha, o qual foi escrito sob a orientação: “Escreva este terceiro parágrafo identificando a crítica social presente na letra da música e possíveis acontecimentos noticiados na mídia que podem ser ligados ao conteúdo dessa produção musical”. Diante disso, 26 das 34 produções textuais apresentaram alguma articulação discursiva que referenciou a desigualdade racial.

Ficou evidente que a maioria dos estudantes, para além de apreciarem ou não o produto cultural, apontaram como a música constitui um meio relevante para refletir sobre as diferenças de tratamento dado pelo Estado às populações negras e brancas; resultado que corrobora a hipótese da proposta pedagógica ter atingido seu objetivo.

Considerações Finais

As contribuições trazidas por Bakhtin e seu Círculo quanto à constituição e reconstituição do ser humano na linguagem e por meio do diálogo nos leva a pensar na necessidade de exploração, no contexto pedagógico, da diversidade de vozes que emanam de diferentes lugares sociais.

A visão bakhtiniana de linguagem ao privilegiar a tríade arquitetônica do eu-para-mim, outro-para-mim e eu-para-o-outro possibilita conceber um sujeito que constrói seu pensamento na intersubjetividade e o expressa responsiva e responsabilmente. Essa valorização da multiplicidade de discursos permeia a pedagogia dos multiletramentos, a educomunicação e – levando em conta o espaço ocupado pelo *outro* social na construção do pensamento – até mesmo a aprendizagem reflexiva por processos de conhecimento.

Dessa forma, pensar uma proposta pedagógica que direcione os estudantes a explorarem, por meio da linguagem, o lugar social estruturalmente preenchido por aqueles que estão marginalizados pode auxiliar na ampliação de uma formação crítico-reflexiva.

Referências

ALMEIDA, M. C. S. Contribuições da Pedagogia dos Multiletramentos para a Educomunicação. *In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* de 2 a 8 de setembro de 2018. São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/referencias.htm>. Acesso em: 19 nov. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 3ª ed. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

CAROL, MC. **Delação Premiada**. Letras, 2016. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mc-carol/delacao-premiada/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CAROL, MC. **Delação Premiada**. YouTube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZfZLPXLGwUs>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CITELLI, A. O. Comunicação e educação: as pontes da linguagem. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v.16, n.46, p.314-332, maio./ago. 2019.

COPSTEIN, A. **Mc Carol desbrava Portugal no Serralves em Festa**. Noize, 2019. Disponível em: <https://noize.com.br/resenha-mc-carol-desbrava-portugal-no-festival-serralves-em-festa/#1>. Acesso em: 19 nov. 2020.

NUNES, S. S. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia**, USP, v.17, n. 1, 89-98, 2006.

O ESTADO DE S. PAULO. **“Conheci o inferno”**: relato de MC Carol sobre sua adolescência. 2018. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,conheci-o-inferno-relato-de-mc-carol-sobre-vida-e-preconceito-viraliza,70002233248>. Acesso em: 19 nov. 2020.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. **Se liga na língua**: leitura, produção de texto e linguagem: manual do professor, v. 2, 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

POLIDO, B. G. **Chadwick Boseman**: a representatividade de uma geração. *Jornal O Imparcial*, 2020. Disponível em: <https://www.imparcial.com.br/noticias/chadwick-boseman-a-representatividade-de-uma-geracao,37697#:~:text=O%20primeiro%20her%C3%B3i%20negro%20da,ansiosamente%20pelo%20lan%C3%A7amento%20do%20filme>. Acesso em: 19 nov. 2020.

RIBEIRO, A. E. Multimodalidade e produção de textos: questões para o letramento na atualidade. **Signo**, v. 38, n. 64, p. 21-34, 2 jan. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/>

signo/article/view/3714. Acesso em: 1 set.2020.

RIBEIRO, A. E. Tecnologia e poder semiótico: escrever, hoje. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 8, n.1, p.112-123, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/>. Acesso em: 2 set. 2020.

SILVA, T. D. **Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdades de Renda**. In: MARCONDES, Mariana Mazzini. *et al.* Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Brasília: Ipea. Cap. IV. p. 109-132, 2013.

VILLARTA-NEDER, M. A. Contar para que e contar para quem: diálogo e arquitetônica na leitura, literatura e formação de professores. **Devir Educação**, Lavras, v. 2, n. 1, p. 55-67, jan./jun. 2018.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2ª ed. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em 16 de maio de 2022.

Aceito em 22 de junho de 2022.

